

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

Cotidiano social na poesia de Carlos Drummond de Andrade

Sílvia Pereira de Aguiar

Porto Alegre

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

Cotidiano social na poesia de Carlos Drummond de Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso

Sílvia Pereira de Aguiar

Orientador: Antônio Marcos V. Sanseverino

Porto Alegre

2009

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, ser supremo de amor e luz que me conduz..

DEDICATÓRIA

Para Maria de Lourdes Pereira de Aguiar, minha mãe, que de algum plano superior me orienta e guia.

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Amar a nossa falta mesmo de amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1- Cotidiano na poesia e Drummond.....	8
1.1 No interior, no campo e na pequena cidade.....	9
1.2 Identidade do indivíduo moderno na cidade.....	12
2- O ser humano em conflito com o cotidiano social do mundo...15	
2.1 Engajamento social.....	16
2.2 O sentido da vida moderna.....	17
3- A preocupação com o cotidiano social.....	23
3.1 O eu questionando o mundo.....	24
3.2 Poesia narrativa dos problemas sociais.....	30
Considerações Finais.....	38
Referências.....	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a fazer uma análise de alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, analisando o cotidiano social no contexto de sua obra. Este notável poeta da literatura brasileira incorpora coisas simples do dia a dia, na cidade e no interior, até problemas e conflitos sociais do homem com o mundo. O dilema da preocupação social mostra-se presente em vários poemas do autor, o que motivou a construção deste trabalho, além de outros poemas que versejam a simplicidade cotidiana com a maestria poética característica de Drummond.

O presente trabalho objetiva analisar e discutir a presença destes temas nos poemas selecionados dos livros *Alguma poesia*, *José*, *Sentimento do mundo* e *A rosa do povo*. Serão analisados alguns poemas tentando caracterizar os temas propostos. Para solidificar os argumentos e reflexões expostos neste trabalho recorri ao apoio de alguns críticos que escreveram sobre a obra de Drummond, tais como Antonio Candido, José Guilherme Merquior, John Gledson e Sônia Brayner.

A poesia de Drummond, como bem diz Antonio Candido, é de uma inquietude tamanha que se torna abrangente e de ramificações diversas. Procurei neste trabalho seguir o tema da presença do cotidiano, selecionando alguns poemas da vasta obra do poeta. O dia a dia com suas tristezas e alegrias, seus anseios e preocupações; o dia a dia de gente simples com seus problemas e dramas. Drummond como poucos soube retratar muito bem um cotidiano, seja no

campo ou na cidade, mantendo uma preocupação com o ser humano e os problemas sociais.

A análise e a reflexão dos poemas inicia pela questão da presença do cotidiano em relação ao meio rural e também à cidade. A vida simples da fazenda e da cidade pequena aparece em poemas que retratam a vida do poeta no interior de Minas Gerais, relatando também situações do cotidiano familiar. Em seguida o eu poético de Drummond se depara com o conflito do cotidiano social num mundo pouco amistoso que desafia o sentido da vida. O poeta apresenta um engajamento social e contesta um estado de coisas conflitantes. Há um forte questionamento do sentido da vida para o ser humano perdido na multidão. Por fim o poeta apresenta uma preocupação diante de uma sociedade que oprime e devora seus sonhos e anseios. A felicidade tão buscada parece não vir nunca, aí o eu questiona um mundo repleto de problemas sociais. Drummond também apresenta poemas narrativos com versos curtos, mas significativos, numa abordagem de problemas familiares e urbanos num ambiente social nefasto.

A poética de Carlos Drummond de Andrade perfaz o tema do cotidiano social de forma literária brilhante numa poesia de tom coloquial, trazendo o leitor para uma *conversa* sobre o mundo moderno, seja em poemas longos ou curtos, satíricos ou dramáticos. O poeta mistura ironia, melancolia em poemas líricos e narrativos, chegando às vezes à dimensão teatral. O conteúdo de seus poemas fazem refletir, emocionar e pensar sobre um cotidiano de um mundo em crise. O cotidiano da simplicidade do interior até o turbilhão da metrópole é transformado em poesia com a maestria que o caracteriza Drummond como o grande poeta da literatura brasileira.

1) O cotidiano na poesia de Drummond

O poeta demonstra em seus poemas os fatos corriqueiros da cidade e do campo. São passagens do dia a dia que visualizam um mundo em construção. São fatos e acontecimentos sobre a infância na cidade pequena, o espaço provinciano, resgatando costumes e "jeitos" do interior. É a solidão do homem na grande cidade. O poeta apresenta tanto o cotidiano de uma cidadezinha qualquer como tenta identificar o indivíduo moderno na cidade grande.

Drummond, de certa forma, apresenta-se como esse indivíduo que viveu no interior e passou a morar na metrópole. O poeta se depara e expõe na forma poética esse cotidiano no interior e na cidade. A rotina das coisas simples que passam e são captadas pelo registro do autor. Este mostra-se sensível diante dos acontecimentos cotidianos e, dessa forma, demonstra em sua poesia todo esse envolvimento do eu com as coisas do mundo.

A poesia social de Drummond deve ainda a sua eficácia a uma espécie de alargamento do gosto pelo cotidiano, que foi sempre um dos fulcros de sua obra e inclusive explica a sua qualidade de excelente cronista em prosa. (Candido, 1970, p.108)

O poeta busca na família e em paisagens do passado todo esse encanto de um cotidiano simples. A vida boa do campo que se depara com os conflitos da cidade, deixando o poeta inquieto por estar no meio de tudo isso. O passado é buscado pelo poeta numa valorização da vida singela em família, demonstrando esse dia a dia num cenário que comove e encanta.

Aliás, é através do sonho que o poeta nos introduz numa outra grande manifestação de sua inquietude: a busca do passado, através da família e da paisagem natal. (Candido, 1970, p.109)

Entre a província e a grande cidade Drummond registra a realidade e também faz-se crítico contra as aparências e convenções sociais. O eu está no

meio rural e na cidade num dia a dia construído através da magia da sua poética. Assim a poesia de Drummond confunde-se ou funde-se nesse cotidiano, retratando situações e paisagens que representam o interior, calmo e simples, e a metrópole agitada e confusa.

1.1- No interior, no campo e na pequena cidade

Nascido um anjo torto no interior, desajeitado, que no meio do caminho defronta-se com as pedras do mundo. ("Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse; Vai Carlos, ser gauche na vida!").

Drummond, "gauche" (adjetivo francês que significa "sem jeito"), em sua obra de estreia no mundo literário, "Alguma poesia", relata em alguns poemas a vida simples do interior de Minas Gerais (Itabira) onde morava. Vida cotidiana na infância interiorana, onde o poeta começa a tecer sua história de vida. Como diz José Guilherme Merquior: "é a ternura pela terra, o amor a Minas... A província é em primeiro lugar a infância, infância bucólica e patriarcal, discretamente feliz ..." (1975,p.17).

Assim a vida se faz ao lado dos pais, junto da natureza, numa infância singela e cheia de nuances. Os fatos de um cotidiano que parece perdido no tempo, onde o avanço do mundo moderno parecia distante. O poeta dialoga através do poema com o leitor, como é o caso de "Infância":

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
Lia a história de Robinson Crusóé,
Comprida história que não acaba mais.

No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu
A ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo

olhando para mim:
- Psiu ... Não acorde menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro ...que fundo!

Lá longe meu pai campeava
No mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

O poeta resgata o passado e uma relação com sua terra natal. Sua história que torna-se mais linda e grandiosa do que a de Robison Crusóé, pois esta vida simples do interior reflete em "Infância" a aparição do poético num tênue cotidiano. Os elementos rurais, presentes no poema, como o cavalo, o campo, as mangueiras e até a preta velha perfazem uma paisagem perdida no tempo. A infância do homem nascido e criado no campo se refaz em versos que emolduram fatos e acontecimentos de um dia a dia num ambiente calmo e prazeroso, onde o silêncio traz um prazer extremo.

"Mas em "Infância, há, além da paródia, um prazer no silêncio e na calma do ambiente ("esse poema tão lindamente silencioso conforme disse Mário de Andrade). O tempo e o espaço tornam-se infinitos no "mato sem fim da fazenda"... (Gledson, 1981, p.67)

Todos esses fatos cotidianos na roça, esse tom familiar remete a uma criança embevecida naquilo que era bom ("café gostoso / café bom"). O café reflete um todo interiorano que se perdeu no tempo, pois é o homem adulto quem escreve o poema, este transporte entre o passado e o presente, sendo estes distintos e de irremediável transposição.

Apesar de ser, sem sombra de dúvidas, o eu adulto que fala nos poemas, há uma barreira intransponível entre criança e o homem, entre o mundo idílico do passado e o presente. (Gledson, 1981, p. 68)

É importante considerar que há nesse universo rural um largo espaço entre a mãe e os filhos, de um lado, e o pai que sai para o campo, de outro a mãe cuidando da casa e dos filhos. Nesse lugar, há também o silêncio cortado pela voz que aprendeu a ninar na senzala e o som do mosquito. Nesse ambiente de integração, há a aparente harmonia da família patriarcal, e um menino que vive

feliz. A consciência dessa felicidade vem apenas depois que ela acabou, pois, na *Infância*, ele sonhava sair daquele espaço nas solitárias aventuras de Robinson Crusoe.

Assim segue esse homem, o eu lírico com suas lembranças do tempo de infância perdida num tempo bom e saudoso da paisagem de uma "cidadezinha qualquer" vai lentamente tecendo o novelo de uma vida besta, pois é a vida tênue sem maiores complicações:

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar

Devagar ...as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus!

Este Drummond provinciano, desconfiado de um falso progresso na metrópole que dilacera a simplicidade do campo, foge para o interior onde se encontra um Brasil diferente, onde ficou um tempo de coisas boas. "Daqui fugimos outras vez, agora para o "Pobre jardim do meu sertão / atrás da Serra. Talvez, mas ao chegarmos lá, é para encontrar pachorrice de "cidadezinha qualquer" .como bem diz Gledson (1981, p.60). Assim a poesia de Drummond relata o cotidiano rural do campo, da cidade pequena. O ambiente calmo de pessoas simples, fatos e acontecimentos singelos do interior.

Assim, no poema acima transcrito, encontramos um movimento de continuidade que vai da pequena cidade interiorana até a fazenda. O elemento recorrente, *devagar*, indica a lentidão dessa vida besta, em que o homem e os animais aparecem misturados e integrados. De certo modo, pode-se dizer que os elementos naturais e rurais penetraram na pequena cidade. A diferença é que não há idílio aqui. Há a ironia que corrói a aparente harmonia, mostrando a dimensão tediosa desse ambiente.

1.2 Identidade do indivíduo moderno na cidade

O provinciano Drummond agora transfere-se para a cidade onde o indivíduo conflitua-se num mundo repleto de adversidades e complicações. A cidade agitada e barulhenta, tão diferente do âmbito rural calmo e silencioso, absorve o eu-poético que procura nesse turbilhão sua identidade no mundo moderno.

O "gauche", do vasto coração, está na cidade grande e tenta entender, situar-se na loucura moderna. A poesia de Drummond relata o cotidiano desse mundo da cidade grande que engole o ser humano multifacetado na passagem dos dias sem solução. Em "Alguma Poesia" o poeta, no "Poema das setes faces", demonstra o indivíduo a procura de sua identidade. O desespero leva a incompreensão dos fatos corriqueiros, tornando o homem e a vida na cidade em faces diversas e destorcidas pelo novo tempo.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
Pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
É sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,

se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas essa conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

O poema abre com a determinação dada pela voz do anjo. É o destino traçado do *Gauche*, um destino esquerdo. Na segunda estrofe, através do olhar de quem espia de dentro da casa os homens correndo atrás de mulheres, o eu lírico mostra que a cidade não é tranqüila, pois é cheia de desejos. Observe-se, então, a descontinuidade entre as setes estrofes, sete faces do homem moderno. Essa quebra indica que estamos lidando com experiência fragmentária do homem na grande cidade.

O bonde lotado de pessoas diferentes é o símbolo da cidade contrapondo o homem só cavalgando seu cavalo no campo. O cotidiano da cidade grande, embora a presença do humor no poema, é agitado perante os olhos vidrados do poeta. A angústia presente nos versos denuncia um poeta preocupado com as coisas da cidade grande e seus reflexos na evolução do indivíduo.

O humor grotesco nada tem de irônico, não ridiculariza seu objeto a partir de uma certeza superior tranquilizadora. Isso é bem evidente no "Poema de sete faces". Os elementos de conotação cômica chegam a suprimir a atitude elegíaca ou angustiada, explícita na apóstrofe na quinta estrofe, mas na verdade subentendida em todo o poema; na problematização dos costumes (2º e 3º estrofes no contraste entre a seriedade "burguesa" e a debilidade do ego, na afirmação final do "coração separado do mundo" e enfim no epílogo sentimental. (Merquior, 1975, p.10)

Estas sete faces mostram a ambigüidade e incerteza de um mundo em construção. O "homem atrás do bigode" é objetivo e sem tempo para sentimentalismo. O poema mostra um humor que atesta um conflito que angustia o eu-poético na percepção de uma cidade que absorve o indivíduo, seus desejos e sonhos.

Drummond constrói o indivíduo num cotidiano que o desfaz e refaz como ser passivo diante da loucura e agitação diária da cidade. Este “homem atrás dos óculos e do bigode” está neste poema que não apresenta um desenvolvimento uniforme, sendo espelho de um mundo ilógico da metrópole.

Drummond não constrói seu poema através de um continuum do desenvolvimento lógico, fiel ao poliformismo pregado por Mário de Andrade, ele presta homenagem ao simultaneísmo cubo- futurista, estética da descontinuidade.” (Merquior, 1975, p.11)

Assim é o cotidiano na cidade, marcado por essa descontinuidade que afeta a identificação do eu com o mundo. Esses olhos que nada perguntam diante do bonde da vida moderna. Este atropela o lirismo, impede a reflexão continuada, e não permite a contemplação de si ou da natureza, possível no campo. Agora a urgência de uma vida agitada divide a subjetividade em várias facetas diferentes, não necessariamente harmônicas ou coerentes internamente. A sobriedade de uma cidade séria e forte que só pode ser digerida aos goles enebriantes de um conhaque.

2- O ser humano em conflito com o cotidiano social do mundo

O poeta que bem retratou em seus versos o cotidiano do campo e da cidade, defronta-se também com o matéria social cotidiana. Estabeleceu-se um conflito entre indivíduo e sociedade que reaparece com intensidade em sua poesia.

O poeta do “coração mais vasto que o mundo” percebe a dolorosa realidade social e surge a tensão eu-mundo na tentativa de autocompreensão. Existe uma desconfiança do ser com relação ao cotidiano social do mundo, uma incerteza e busca de compreender os fatos e suas conseqüências para o eu. Esse processo se dá na construção e desconstrução do eu poético na sua relação com o mundo.

Se aborda o ser, imediatamente lhe ocorre que seria mais válido abordar o mundo; se aborda o mundo, que melhor fora limitar-se ao modo de ser. E a poesia parece desfazer-se como registro para tornar-se um processo, justificando na medida em que institui um objetivo novo, elaborado à custa da desfiguração, ou destruição ritual do ser e do mundo, para refazê-los no plano estético. (Candido, 1970, p. 95)

É através dos poemas que Drummond elabora esse processo onde o eu se depara com o mundo problemático. Drummond se engaja de “Mãos dadas” com as questões do tempo presente, voltando para fora de si, tentando como um “José “ou um “boi” (elementos do mundo cotidiano) desvendar o sentido da vida moderna.

Para Drummond existe esta incompreensão de uma realidade social que deforma o ser. Este ser se transforma e deforma na circunstância de um cotidiano social que o assola forazmente e que também aparece incompreendido.

Mas não há dúvida que para o poeta o mundo social é torto de iniquidade e incompreensão. Seja uma deformação essencial, seja uma deformação circunstancial (o poeta parece oscilar entre as duas possibilidades), o fato é que ele se articula com a deformação do indivíduo, condicionando-a e sendo condicionado por ela. (Candido, 1970, p. 103)

O sentido da vida presente e a compreensão disso tudo compõe poemas que indagam a existência do ser humano e protestam contra um cotidiano social sem sentido, sem razão para o homem comum. Drummond tematiza a relação eu-mundo relacionando passado e presente, contudo tenta entender os acontecimentos de agora e seus reflexos na vida do ser humano. Os problemas desse mundo retratados e refletidos na poesia que estabeleceu este conflito do eu perdido e querendo encontrar-se.

A poesia consistiria em trazer em si os problemas do mundo, manifestando-os numa espécie de ação pelo testemunho como forma de ação através da poesia, que compensa momentaneamente fixações individualistas do “eu “ todo retorcido.
(Candido, 1970, p. 106-107)

2.1 Engajamento social

Neste conflito do eu com o cotidiano social, o poeta percebe que não está só e que os problemas atingem a todos. O mundo está carente não só de alimentos, mas também de vida digna. Acontece, então, um engajamento social, pois é preciso dar as mãos e denunciar as mazelas e desesperanças que atingem aos seres expostos a débil realidade social do mundo presente.

Na origem da nova pobreza do eu, está a dolorosa percepção da realidade social, das necessidades elementares (e alimentares) da humanidade sofredora. (Merquior, 1975, p. 39)

No poema “Mãos dadas” está latente a preocupação com a realidade presente, onde o poeta não se isenta de ser partícipe do novo tempo, apesar de ser um cotidiano nefasto e sem esperança para os seres humanos.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso a vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,

não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

O poeta se engaja num tempo presente e evoca todos para participarem e refletirem sobre um cotidiano social que está diluindo e dilacerando vidas. O individualismo transforma-se numa preocupação coletiva da realidade social. O acontecimento dos fatos reflete na vida de vários e não apenas no eu. Este eu está junto com os outros numa consciência coletiva do poeta.

Agora, o órgão sensível da poesia acontecimento não é mais instância individualista do coração é a consciência individual (mas socializável) do sofrimento coletivo. (Merquior, 1975, p.40)

Drummond não foge dos dramas e conflitos do mundo moderno, está junto do coletivo social do tempo presente com seus dramas e desesperanças. Portanto nega o lirismo pueril e vago. Sua poesia agarra-se aos questionamentos de uma sociedade em crise. Os versos de “Mãos dadas” refletem esse engajamento do poeta com as causas sociais do cotidiano moderno.

2.2 O sentido da vida moderna

O poeta engajado socialmente agora se vê numa indagação sobre o sentido que tem a vida no seu cotidiano no tempo presente. Essa inquietação leva Drummond a fazer poemas que transcrevem a angústia do eu no mundo, tentando achar soluções em um mundo em crise. A solidão do ser humano e seu conflito com o mundo, procurando motivos para viver num mundo que só lhe traz decepções.

Drummond transpõe a vida rural para a vida urbana. Essa vida urbana dominada pelos tempos modernos que mecanizam as ações das pessoas. Estes tempos novos que estão desumanizando o ser humano e sucumbindo o sentido de viver. O comportamento humano é apreendido pelo poeta que indaga o sentido da vida presente.

Ao mesmo tempo reencontramos nossa observação geral o fato de haver ele próprio vivido a passagem do rural para o urbano, característica do Brasil depois da grande guerra, predispõe o poeta a contemplar sem

indulgência os aspectos desumanizantes, mecanizadores da vida moderna. (Merquior, 1975, p.54)

De certa forma o poeta faz uma crítica aos costumes, ao cotidiano do mundo moderno que torna o ser passivo diante dos acontecimentos que o deterioram. Isso reflete uma crise existencial do eu no mundo e, através da poesia, Drummond retrata a solidão do homem moderno na amplitude vastamente povoada da cidade moderna. Existe um eu que está sem sentido na vida presente e parece ver seus sonhos diluindo-se no cotidiano de um mundo voraz e impiedoso.

O poema “O boi” expressa toda a problemática do progresso no contexto da modernidade, num paradoxo da solidão tanto de um boi no campo como uma pessoa na grande cidade.

O boi

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo perdido.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo,
homens torcendo-se calados!
A cidade é inexplicável
e as casas não tem sentido algum.

Ó solidão do boi no campo!
O navio fantasma passa
em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.

O poeta faz uma analogia entre o campo e a cidade através da imagem de um boi na solidão do vasto campo, sem ter alguém para observá-lo, e o eu na solidão, em meio ao turbilhão de pessoas e coisas, de uma cidade grande. A metrópole, apesar do movimento intenso de pessoas e carros, trens; deixa o ser humano num vazio interior. É a indiferença e os mecanismos modernos que

absorvem os sonhos e trituram sentimentos. O sofrimento e solidão do eu no mundo, como a solidão do boi no campo, está presente nos dias que passam sem ter um significado e ainda deixam as pessoas desumanizadas. O mundo moderno aniquila o direito das pessoas de sonhar e transforma a vida presente num deserto de amor em meio a multidão de pessoas. O ser humano está só nessa multidão, ele grita por uma solução que não aparece. É que a vida perdeu o sentido e as coisas parecem sem explicação.

O eu no mundo está esquecido como o boi no campo. A vida presente é desumana e deixa os sentimentos a mercê de um cotidiano cruel. Então o poeta em seus versos conclama as pessoas a se unirem, pois a vida poderá ser salva apenas com o amor construído coletivamente.

“Mas é a imagem rural, tão familiar ao ex-fazendeiro Drummond, que apreende por via analógica a profunda solidão do homem perdido na massa, exilado do sentido da existência, navegador à deriva deste frio que é a lonely crowd, a multidão das cidades modernas, o indivíduo paradoxalmente só na agitação frenética das concentrações urbanas: Entre carros, trens, telefones, entre gritos, o ermo profundo. A rua, o campo, o mar: as imagens se sucedem umas após as outras em associações livres, quase oníricas no seu automatismo fantasista.” (Merquior, 1975, p.58 e 59)

De forma incomum e singular, Drummond apresenta nesta poema a situação do ser humano comparado a um animal, ambos solitários e sem esperança. O homem sem rumo em meio ao aglomerado de pessoas, este tremendo contraponto tão brilhantemente transformado em poesia pelo mestre Drummond. Apesar de tantos estarem a sua volta, existem urgências de um mundo onde os dias passam indiferentes aos sentimentos e anseios, deixando o eu isolado como o boi no campo. Todas as emoções da condição humana são assemelhadas a situação de solidão de um animal, como bem diz Merquior: “Associações insólitas permitem sublinhar o conteúdo emocional das situações humanas...(1975,pág.58).

O eu no mundo em meio a concentração de pessoas e coisas está desiludido e perdido e sua existência tornou-se uma enorme interrogação. No poema “O boi” a solidão transforma o cotidiano do ser humano que fica sem

destino. Apesar das pessoas, casas, carros, trens existe a ausência das relações afetivas humanas que complica um melhor relacionamento com seus pares.

Em “José” o poeta se personifica como um ser humano comum no cotidiano da vida presente. Com enorme maestria Drummond apresenta uma poesia ritmada através de constantes repetições. Estas repetições interrogam e contestam o sentido da existência humana na vida presente. José representa o ser no mundo, o poeta usa este personagem numa reflexão do dramas e conflitos do ser humano diante de um mundo que oprime. No poema “José”, os versos parecem dialogar com o leitor num tom ritmado por uma interrogação (E agora José?) , refletindo a situação do ser humano na complexidade de sua solidão existencial num mundo repleto de problemas.

Em “José” obtém Drummond, através da repetição de palavras ou grupo de palavras, o que T. S. Eliot chama de /E agora José?/ é a frase de conversação. Todavia essa interrogativa vai ganhando em intensidade e significado, passando o nome a representar as esperanças e angústias do ser humano. José é todos os homens e ele sente todos os problemas da humanidade.” (Brayner,1977, p. 106 e 107)

No poema “José” o poeta representa o cotidiano do cidadão comum procurando encontrar um sentido para a vida presente.

E agora, José ?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José ?
Você que é sem nome
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,

não veio a utopia

e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José ?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta,
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
minas não há mais.
José, e agora ?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse ...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho- do- mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,

sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde ?

O eu no mundo está sentindo o vazio de um viver sem esperança que endurece o ser humano num cotidiano de angústia e dor. A desilusão do homem perante o mundo, tentando buscar a felicidade que parece distanciar-se a cada dia que passa. Este drama está presente neste poema que vai acumulando interrogações e constatações que perfazem a situação de uma vida presente sem ter um sentido palpável. Sozinho o eu no mundo está perdido com seus dramas e conflitos, este eu representa todas as pessoas com suas aflições no mundo moderno. Tudo parece sem solução aparente num cotidiano que vai apresentando perdas (o poeta vai martelando estas perdas no decorrer dos versos do poema) , fazendo com que o homem feneça na sua existência vazia.

São coisas e atos vulgares da vida, retratando o homem comum sofrendo a contusão do tempo. E o homem de tudo se desilude, pois o mais acessível deixa de vir, como também não vem aquilo que pensa para ser feliz. E ele fica vazio, sem nada que lhe sirva. (Brayner, 1977, p.107)

Drummond apresenta neste poema o “gauche” perdido e sozinho numa atmosfera sem propósitos, repleta de convenções que tentam emoldurar o ser ao favor de uma classe dominante. O eu está cheio de perguntas sem respostas imediatas, parece que tudo acabou. Aí entra a interrogação “E agora José?” popularizada pelo poeta através da poesia numa linguagem coloquial que se insere no cotidiano das pessoas simples, estas identificadas com o ser desiludido com os acontecimentos do mundo moderno. José este homem duro e sozinho que perambula pelas estradas tortas de uma vida onde o sentido se perdeu.

José foi uma das primeiras penetrações populares do verso drummondiano; o refrão /e agora José?/ entrou na linguagem corrente. Retomando as imagens de “Os ombros suportam o mundo” (poema do livro Sentimento do Mundo), este poema confere uma nova Virilidade ao motivo da solidão do gauche: José, o Duro sozinho no escuro/ qual bicho-do-mato. (Merquior, 1975, p.56)

Assim o sentido da vida presente, retratado na complexidade urbana na comparação com a vida rural (O Boi); ou no dilema da existência humana no mundo impiedoso (José); apresenta nuances com contrastes que expõe as mazelas da vida presente na ausência total de sentido. O eu no mundo está indefeso diante do caos que é o cotidiano da vida moderna. O eu perdido no vasto mundo questiona sua existência e tenta encontrar a saída no horror do dia a dia. Portanto a poesia de Drummond apresenta essa tensão do homem com o mundo, este que lhe parece obscuro numa vida de sentido ausente.

3- A preocupação com o cotidiano social

O desejo de transformar o mundo, pois, é também uma esperança de promover a modificação do próprio ser, de encontrar uma desculpa para si mesmo. E talvez esta perspectiva de redenção simultânea explique a eficácia da poesia social de Drummond, na medida em que (...) ela é um movimento coeso do ser no mundo, não um *assunto*, mediante o qual um vê o outro. O seu cantar se torna realmente geral, porque é, ao mesmo tempo, profundamente particular. (Candido, 1970, p.107 -108)

O poeta neste momento não se restringe apenas a relatar imagens rurais e urbanas, não está somente engajado socialmente nem fica preso as reflexões introspectivas do ser no mundo. Agora Drummond está preocupado com o drama social do cotidiano no tempo presente, incorporando preocupações anteriores ao realismo social. O eu está no mundo e precisa conviver numa sociedade repleta de problemas, onde as relações humanas passam a ser questionadas. O eu equilibra-se no cotidiano social, tentando equilibrar-se ao mundo. A obra "A rosa do povo" de 1945 apresenta poemas com essa preocupação com o cotidiano social, apresentando um maior amadurecimento poético de Carlos Drummond de Andrade.

O poeta demonstra preocupação diante do pavor que assola uma sociedade danificada. Sua concepção socialista quer, através da poesia, tomar atitude redentora diante de um mundo esfacelado pela guerra e conflitos sociais. A poesia transforma-se num instrumento social de luta, de consciência individual em prol do coletivo.

A consciência social, e dela uma espécie de militância através da poesia, surgem para o poeta como possibilidade de resgatar a consciência do estado de emparedamento e a existência da situação de pavor. (Candido, 1970, p.105)

Drummond tem nos versos um instrumento de luta. O poeta acentua sua função social na tentativa de transformar uma realidade que oprime a maioria em benefício de uma parcela que comanda e domina. O poema funde-se no cotidiano e clama, invocando soluções e denunciando os horrores de uma sociedade que manipula vidas e poda sonhos e sentimentos. O eu- poético está nesse mundo nefasto e questiona e denuncia injustiças, problemas estruturais e convulsões advindas da problemática de um cotidiano que vai deprimindo e aniquilando vidas. O poeta quer ser útil através da sua literatura que não pode ficar fora das questões conflitantes do tempo presente. Drummond se arma das palavras e através delas demonstra sua preocupação com a falência de um cotidiano social.

Tanto faz interpretar-se a palavra drummondiana como objeto ou instrumento de luta. O seu posicionamento no mundo e na arte, sua função social, escolhido que foi o caminho, a profissão de poeta, passou a depender dessa luta para realizar, buscando-as cautelosamente quando se oferecerem preces de sutilezas e subterfúgios, de modo a poder transformar sua vida em presença útil no seu sonho das coisas humanas. (Brayner, 1977, p. 101 e 102)

Assim a realidade social é a preocupação urgente. Essa realidade que reflete o mundo em geral. Este que condena e limita a ação do homem, não permitindo a criação de novas realidades. O poeta então toma para si este compromisso social e coletivo denunciando as coisas do mundo que afligem e impedem o desenvolvimento do ser humano.

]

A realidade social faz parte da realidade geral do mundo das sociedades, homens, bichos, coisas, objetos de toda a espécie, daquele mundo que nos rodeia e limita, dando ao indivíduo a medida de sua solidão e a medida de sua capacidade de criar novas realidades. Fazer poesia, isto significaria transformar em luz própria a sombra que o mundo exterior deita na alma do poeta. (Brayner, 1977, p.147)

3.1- O eu questionando o mundo

O eu que questiona o mundo, percebeu agora que faz parte dele e ainda é produto desse mundo insano. O eu se esforça em estar no mundo e denunciar sua

estrutura corroída e egoísta. (Em verdade o poeta não se isola voluntariamente, esforça-se até por participar desse mundo..) Brayner, 1977, pág. 177

A terra natal e a família voltam a tona nos poemas, porém agora integradas aos dramas cotidianos. O poeta mostra-se comprometido com os problemas sociais.

No poema “A flor e náusea” a poética de Drummond versa sobre o eu encontrando-se com o mundo. O poeta sente que faz parte desse mundo injusto e, portanto, é responsável também por esse estado das coisas. A flor surge como imagem redentora num mundo que causa náusea e desencanto. A flor é a poesia em meio ao todo empedernido e sem esperança. A figura da flor que nasce no asfalto representa um rompimento no mundo atravancado por desilusões. A consciência social do poeta permite a construção de uma poesia que tenta alcançar algo, chocar e questionar os problemas sociais do cotidiano. Drummond com a figura da flor, singela e redentora, apresenta o eu questionando o mundo, pois apesar do drama humano em um mundo em crise, existe uma esperança. O eu está no mundo questionando sua frieza e indiferença e lança esse fio de esperança, pois uma flor nasceu no asfalto duro. Assim apesar do ser humano estar combalido e a vida apresentar-se cheia de obstáculos, a poesia seria a arma representada numa flor germinando em pleno mundo apavorado e tedioso.

No importante poema “A flor e a náusea”, a condição individual e a condição social pesam sobre a personalidade e fazem sentir-se responsável pelo mundo mal feito, enquanto ligada a uma classe opressora. O ideal surge como força de redenção e, sob a forma tradicional de uma flor, rompe as camadas que aprisionam. Apesar da distorção do ser, dos obstáculos do mundo, da incomunicabilidade, a poesia se arremessa para frente numa conquista, confundida na mesma metáfora que a revolução. (Candido, 1970, p.105)

O poema “A flor e a náusea” expõe os problemas sócias de um cotidiano que causa nojo e enjôo. O eu questiona um tempo ruim, marcado pelo impasse de uma vida triste que causa náusea ao passar do tempo num cotidiano amargo. Mas a flor redime o pranto e a dureza de um mundo que o poeta admite ser partícipe.

A Flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso sem armas revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres, mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

O poeta apresenta um questionamento sobre o cotidiano urbano através de um lirismo despojado de adornos ou enfeites sentimentalistas. O poema enfatiza os problemas, as mazelas de um tempo que passa impiedoso. O relógio da torre marca esse tempo de injustiça e dor, porém está alheio ao tempo da bonança. A melancolia está presente na constatação de uma realidade social tão pobre e debilitada. O eu participante desse mundo sente vontade de vomitar todo esse drama aos dissabores de um cotidiano urbano tedioso.

O poema progride num passeio por infortúnios e questionamentos do eu absorvido pelo mundo, sentindo-se impotente na passagem do tempo que vai aniquilando os sonhos de uma vida melhor. Na cidade de muros surdos, os homens são engolidos pela tristeza, fazendo crescer a solidão do indivíduo na multidão. Os homens aprisionados em um cotidiano de perdas contínuas tentam entender um mundo que é inflexível e poda as emoções. O poeta realça questões sociais deprimentes, sendo que ele mesmo admite sua impotência diante dos questionamentos que faz do mundo. O tempo passa e nada se resolve.

Para o lirismo anti-heróico do cotidiano urbano o spleen de Baudelaire é o motivo tradicional. Mas aqui o tédio difunde sobre o cenário urbano uma melancolia quase cósmica, uma tristeza desencantada de *lacrimae rerum*: “Como são tristes as coisas...” esse sentimento abjeto e deprimente, o *taedium vitae* a vomitar, modulam-no a fundo as técnicas convocadas pelo estilo mesclado. (Merquior, 1975, pág. 80)

Neste poema (A flor e a náusea) Drummond denuncia o passar do tempo indiferente aos anseios dos seres humanos. Os sonhos fenecem em um tempo desprovido de felicidades. Neste tempo a grande população anda sem saber ao certo seu destino. Os homens estão numa encruzilhada inertes entre odores de um tempo apodrecido. A hora da justiça ainda não chegou e parece tão distante da capacidade humana, então o ódio ascende diante dos acontecimentos que transgridem a razão humana. Contudo é esse ódio que alimenta o sonho e a esperança de um tempo melhor chegar, apesar do relógio da torre não apontar essa harmonia temporal.

Em A flor e a náusea, entretanto, o eschaton libertador e justiceiro ainda não chegou. O tempo do relógio continua seu curso, indiferente a espera quimérica dos homens (alucinações e espera). Não podendo ser

escatológico o tempo pobre se faz escatológico: é a idade dos excrementos, o tempo apodrecido, a longa, insuportável estação do impasse - o tempo morto do “prático-inerte” de Sartre. A vida reificada do homem da rua é menos consequência do capitalismo que da sociedade de massa. (Merquior, 1975, p.81)

Toda essa esperança traduz-se, enfim, na flor que aparece no meio desse ambiente deprimente. Em meio a insegurança, exploração e desmandos um acontecimento inusitado, porém simples que faz tudo parar. O eu questiona o mundo na vida que se refaz na dureza de um tempo nauseante. O poeta, através da flor, acredita em soluções para os problemas sociais, desde que advinda da pureza do sentimento humano superando suas mazelas na labuta do triste cotidiano.

Nestes tempos de cortinas pardas, de meio silêncio, em que “o espião janta conosco” e a política invade tudo e tudo deturpa, nestes tempos de melancolias insubordináveis a rosa nasce no asfalto. Queimam-na o sol, a poeira os gases deletérios, por isso só pode crescer regada pelas lágrimas. (Brayner, 1977, p.178)

O poema “Nosso tempo” em toda sua vasta extensão demonstra o eu questionando o mundo através das várias estrofes abordando o drama contemporâneo da sociedade urbana. Contudo esta análise se limitará ao canto I e II por entender suficientes para demonstrar o tema proposto.

Desta feita o eu manifesta-se no mundo dentro de uma indefinição das coisas, o materialismo das vidas é exposto, mostrando o espírito de uma falsa sociedade onde as pessoas dividem-se seja social ou culturalmente. A falta de humanização do ser humano leva o questionamento de uma sociedade perdida, onde coisas e objetos confundem-se com os sentimentos e anseios do eu indefinido tentando decifrar um cotidiano esfacelado.

O universo materialista da cidade e do escritório consegue a mais execrável das ironias: “espiritualizar” a matéria, tornando-a signo, tanto quanto instrumento da desumanização. O que, em definitivo, a poesia drumondiana denuncia constantemente do ponto de vista do comportamento humano, não é uma classe social, mas uma classe cultural não obrigatoriamente ligada ao *estratum* determinado da hierarquia social. (Merquior, 1975, p. 83)

E agora cabe referir os cantos I e II de “Nosso Tempo”:

I

Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda ?

Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, energéticas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.

II

Este é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale.

Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores ?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces
e dissipa, na praia, as palavras.

A escuridão estende-se mas não elimina
o sucedâneo da estrela nas mãos.
Certas partes de nós como brilham! São unhas,

anéis, pérolas, cigarros, lanternas,
são partes mais íntimas,
a pulsação, o ofego,
e o ar da noite é o estritamente necessário
para continuar, e continuamos.

Principalmente nestes dois cantos destacados o poeta questiona o mundo onde as pessoas encontram-se divididas. Essa divisão proporciona o egoísmo de cada um por si. O mundo apresenta-se dividido numa idéia de reparação social e cultural, levando o eu no mundo a procurar-se sem achar seu paradeiro no cotidiano social péssimo. A situação social é marcada pela injustiça e desordem num tumulto onde nada se basta e o tempo esvai-se como pó jogado ao desabar dos dias.

Drummond exalta nos relação as coisas do tempo presente. A sociedade está perdida, alienado o homem perdeu a inocência e o materialismo de um mundo assolado pela 2^o guerra contribui para a deteriorização urbana. O mundo avança com novas descobertas que assustam uma sociedade do individualismo urbano industrial. Contudo o poeta questiona esse materialismo, invocando sentimentos íntimos que fazem a vida pulsar, pois é preciso continuar. Este é o nosso tempo, embora injusto e dividido, a vida continua e todos continuamos. O poeta assim questiona o mundo procurando uma definição diante das coisas perdidas, gente dividida, cotidiano absurdo. Apesar do mundo refletir a idéia de reparação, as coisas podem melhorar e fazer explodir um novo tempo.

3.2 Poesia narrativa dos problemas sociais

Dentro desta análise da poesia de Drummond em relação a preocupação com o cotidiano social cabe destacar dois poemas (Morte do leiteiro e Caso do vestido) que, através da utilização da narrativa, representam bem esta temática na obra do poeta. Os poemas discorrem sobre certa ironia mesclada com forte dose de dramaticidade. O poeta desvela a violência urbana e seus reflexos no cotidiano como também aborda o problema do adultério dentro do modelo convencional no

cotidiano de uma sociedade patriarcal. Os versos contam, num singular brilhantismo poético, duas histórias sobre problemas sociais inerentes ao cotidiano de uma sociedade que humilha e liquida o ser humano. Seja a violência do dia a dia que vitima o leiteiro, seja a traição matrimonial; tudo se transforma numa narrativa poética que comove e demonstra a preocupação do poeta com o cotidiano social. A poesia na forma narrativa é pautada por uma melodia que traduz um ritmo dramático. Assim Drummond apresenta sua sensibilidade literária referente aos dramas sociais que fazem parte do cotidiano e, utilizando a narrativa em versos curtos, apresenta-os ao leitor.

No poema “Morte do leiteiro” Drummond narra um fato banal, porém trágico, envolvendo o cotidiano urbano.

Morte do leiteiro

A Cyro Novaes

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma lenda,
que ladrão se mata com tiro.
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morados na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que
acorda,
resmungando e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro

estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

Neste poema a noite apresenta-se como cenário de uma cena brutal, porém banal diante do avultamento da violência urbana. O leiteiro que entrega o leite (leite bom para gente ruim) é o personagem vitimado por esse processo desintegrador da sociedade. O poeta, através de versos curtos e usando uma linguagem em forma de diálogo, narra satiricamente um acontecimento trágico. Contudo a obra não deixa de apresentar um protesto do autor com referência ao drama do ser humano exposto à violência urbana no seu cotidiano social. Drummond usa a imagem do trabalhador confundido com um ladrão para ironizar ou satirizar o problema da violência que deixa em prantos o habitante urbano. Isto acontece porque o burguês está apavorado, pois a violência predomina no ambiente urbano e a proteção da polícia é débil. Ele sente-se ameaçado por qualquer barulho e a bala surge como solução imediata. Por ironia é o leiteiro, entregador do leite para alimentar as pessoas, portanto nutrindo-as e fortificando sua vida; o alvo de um engano fatal que furta-lhe, justamente, a vida. A bala não escolhe o caráter da pessoa, mata qualquer um sem piedade ou justiça. Ela representa o símbolo da violência urbana, pois o cidadão inseguro precisa se defender e ladrão se mata a bala. Todo esse ambiente é apresentado num cenário noturno que realça o homem simples e trabalhador sendo usurpado brutalmente, ainda jovem, no seu direito a vida.

No poema “Morte do leiteiro” Drummond apresenta uma poesia elevada descrevendo, com habilidade e dinamismo, o percurso do leiteiro rumo ao seu óbito fatal. Este quando acontece funde o leite e o sangue numa simbologia poética referindo-se a aurora. Um novo dia nasce no cotidiano da vida, onde a

morte é fato banal por motivo da violência que domina a sociedade urbana. A vida como a alvura do leite confunde-se ao sangue da morte de um inocente, assim cotidianamente prossegue a tragédia urbana.

A expressão econômica, o emprego da linguagem coloquial, o adjetivo e o símbolo organicamente ligados ao sujeito(a noite geral; o valor simbólico da aurora atribuído á mistura do leite com o sangue), a marcha hábil da narração em redondilha maior, o verso popular por excelência em português, asseguram o mais alto nível poético a essa banal tragédia urbana. (Merquior, 1975,p.109)

Drummond neste poema satiriza um acontecimento comum no cotidiano violento, pois apresenta como vítima o leiteiro, jovem trabalhador, que entrega alimento e acidentalmente acaba assassinado devido ao pavor e o medo que circunda o ser humano, ocasionado por uma sociedade insegura. Entretanto o poeta demonstra sua preocupação com a situação do ser humano refém de um cotidiano cruel e sem garantias mínimas. Isso deixa o homem aflito, perdido e encurralado pelo medo, este que advem de uma sociedade injusta e insegura. O leite (pessoas inocentes) misturado ao sangue (arma que mata) é o símbolo rotineiro de cada amanhecer. O poeta, na sua preocupação, denuncia a violência urbana narrando em pequenos versos , porém com dimensão poética elevada, mais um problema social do cotidiano.

Já no poema “Caso do vestido” a sátira dá lugar ao tom dramático. O poema apresenta certa tensão ao desvelar um problema social no cotidiano familiar: o adultério. Como bem assinala Brayner(1977, pág.111) “ O que existe é apenas um processo rítmico muito próximo do dramático.”

Caso do Vestido

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?
Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.
Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?
Minhas filhas, boca presa.
Vosso pai evém chegando.
Nossa mãe, disse depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.
O vestido, nesse prego,
está morto, sossegado.
Nossa mãe, esse vestido
tanta renda, esse segredo!
Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.
Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.
E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,
chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,
me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,
mas a dona não ligou.
Em vão o pai implorou.
Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,
beberia seu sobejo,
lamberia seu sapato.
Mas a dona nem ligou.
Então vosso pai, irado,
me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,
que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...
Nossa mãe, por que chorais?
Nosso lenço vos cedemos.
Minhas filhas, vosso pai
chega ao pátio. Disfarcemos.
Nossa mãe, não escutam os
pisar de pé no degrau.
Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo.
E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.
Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo.
Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto,
só pra lhe satisfazer,
não por mim, não quero homem.
Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam.
Olhei para a dona ruim,
os olhos dela gozavam.
O seu vestido de renda,
de colo mui devassado,
mais mostrava que escondia
as partes da pecadora.
Eu fiz meu pelo-sinal,
me curvei... disse que sim.
Sai pensando na morte,
mas a morte não chegava.
Andei pelas cinco ruas,
passei ponte, passei rio,
visitei vossos parentes,
não comia, não falava,
tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.
Fiquei fora de perigo,
fiquei de cabeça branca,
perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,
minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia.
Vosso pai sumiu no mundo.
O mundo é grande e pequeno.
Um dia a dona soberba
me aparece já sem nada,
pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão.
Dona, me disse baixinho,
não te dou vosso marido,
que não sei onde ele anda.
Mas te dou este vestido,
última peça de luxo
que guardei como lembrança
daquele dia de cobra,
da maior humilhação.
Eu não tinha amor por ele,
ao depois amor pegou.
Mas então ele enjoado
confessou que só gostava
de mim como eu era dantes.
Me joguei a suas plantas,
fiz toda sorte de dengo,
no chão rocei minha cara,
me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,
me cortei de canivete,
me atirei no sumidouro,
bebi fel e gasolina,
rezei duzentas novenas,
dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu.
Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito
de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.
Recebi esse vestido
e me dai vosso perdão.
Olhei para a cara dela,
quede os olhos cintilantes?
quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?
quede aquela cinturinha
delgada como jeitosa?
quede pezinhos calçados
com sandálias de cetim?
Olhei muito para ela,
boca não disse palavra.
Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.
Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada
vosso pai aparecia.
Olhou pra mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: — Mulher,
põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,
comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo homem,
comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca, me acalentava,
me dava uma grande paz,
um sentimento esquisito
de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.
Minhas filhas, eis que ouço
vosso pai subindo a escada.

O contexto do poema apresenta a mãe como a responsável pela narrativa onde um vestido torna-se o tema central. Este vestido pertenceria a uma “dona” personagem denunciadora da aventura adúltera do pai. As filhas personificam as indagações ocasionadoras do desvelamento das respostas ao caso acontecido. O poema transfigura-se numa representação dramática de um problema social, mais especificamente familiar. Drummond apresenta a família no modelo patriarcal, onde o homem figura como chefe da família e é membro inatingível, sendo soberano em relação aos outros membros da família. Esta narrativa poética expõe a preocupação do poeta com um problema social (adultério), pois ele denuncia, de certa forma, ser este um fato banal e corriqueiro na sociedade. O pai pode aventurar-se fora do casamento com outra mulher, cabe a mãe resignar-se com humilhação tamanha, esperando a volta do marido.

De forma original o poeta narra em diminutos versos o drama no presente; onde mãe e filhas dialogam, também utiliza-se do tempo passado; onde a mãe conta o caso acontecido com o pai e a “dona” do vestido.

A representação dramática é feita em dois planos: o do presente e o da narrativa. No prólogo, tudo é primeiro plano. O diálogo tem feição coral, representando a mãe o papel de corifeu, personagem perfeitamente adequado à sua função de narradora. A figura central é o vestido, cuja a estória constituirá o conteúdo propriamente dito, sendo desenvolvido pelo poeta na segunda parte. (Brayner, 1977, p.113)

O processo ritmado do poema introduz certa emoção, realçada pela tensão do problema familiar. A mãe constrangida parece não querer falar sobre tamanha humilhação, além do perigo eminente da chegada do pai que certamente mostraria revolta ao saber que tal assunto estava sendo comentado. O vestido pendurado no prego, símbolo desse poema, era propriedade da pecadora, foi

também da mulher arrependida e agora figura como adorno, sublinhando no lar da família, fatal drama cotidiano.

O poeta representa este drama cotidiano narrando um fato passional, marcando a saída e o retorno do marido infiel. A figura do pai é marcada de forma preponderante, pois acentua a tradição da cultura social brasileira. A própria mãe submissa revela o amor supremo que dá grande significação para o desenvolvimento do tema. Drummond traz a cena um problema social que engloba a coletividade, ou seja, demonstra que isso acontece seguidamente nas famílias tradicionais, não ocasionando maiores danos para o chefe da família.

O poeta narra o drama familiar com um lirismo contagiante, pois cada personagem tem sua função dramática especificamente realçada. A história é contada de forma coesa num andamento melódico que estrutura o poema num esquema representativo teatral. A mãe comove com sua submissão e zelo pelo segredo, querendo manter as aparências para não desestruturar o ambiente familiar. No contraponto as filhas na ânsia da curiosidade, implorando pela elucidação do drama. A mulher adúltera que se transfigura no andamento do poema em amada, amante, arrependida. O pai na sua passagem incólume no âmbito familiar, apesar de ter ido embora com outra mulher, retorna como nada tivesse acontecido. Finalmente o vestido que simboliza toda a dramaticidade da narrativa, pois é o motivo do início e fim do drama familiar cotidiano. A família inteira está impregnada pelo sentimentalismo, porém a tradição patriarcal fala mais alto. Por isso o cuidado para deixar o que aconteceu no passado. A vida segue e o cotidiano familiar não permite arroubos de rebeldia, afinal o pai voltou e a dona foi embora. Fica apenas a imagem do vestido pendurado no prego como resquício de uma história de paixão na problemática vida social cotidiana narrada por Drummond.

Mas este poema ilustra também, com a mesma expressividade do ciclo de Itabira, as ressonâncias emocionais da figura do pai. A submissão da mulher, a estabilidade do poder paterno – tão sensível no laconismo do fazendeiro quando da sua volta – denunciam a profunda ligação da psique brasileira ao sistema social e cultural que presidiu à formação histórica do país: o regime patriarcal. Nunca Drummond esteve mais próximo da alma coletiva que nessa “história de uma paixão”, em que os sentimentos mais intensos têm o rosto anônimo da tradição; e, no entanto, não deixa de

ser significativo que, numa narrativa tão marcada pela situação patriarcal, o primeiro plano estético seja tão resolutamente conferido ao estoicismo e ao amor da mãe. (Merquior, 1975, p. 117)

Dessa maneira o drama familiar acentua-se na obra de Drummond como um problema social do cotidiano, sendo avalizado pelo sistema patriarcal da sociedade brasileira. Assim o poeta, através dos dois poemas exemplificados, apresenta o tema de forma narrativa na sua brilhante construção poética.

Considerações finais

A poesia de Drummond apresenta-se num brilhante fazer poético, onde a realidade da vida cotidiana é retratada e comentada num misto de fantasia e de realismo do drama social humano. O cotidiano social, tanto rural como urbano, está presente na obra de Carlos Drummond de Andrade numa transfiguração do eu poético com as coisas do mundo. Este mundo repleto de mazelas e de injustiças que mutilam o ser humano está bem representado nos versos do poeta. Ele, como parte do mundo, mostra-o como imutável e com barreiras intransponíveis, mas o sonho e a esperança surgem como alimento para dias melhores.

Os acontecimentos diários, tão singelos e recorrentes, são o mote para transformarem-se em poesia. A vida no interior e os movimentos familiares surgem como lembranças que Drummond traduz em seus poemas. Talvez tentando resgatar um tempo tão bom onde as coisas funcionavam melhor. Mas esse tempo passou, porém o poeta registrou em seus poemas o cotidiano dessa vida simples com a família no campo e na pequena cidade. O sonho e a fantasia poética retratam este tempo vivido pelo poeta, esse dia a dia dos pequenos gestos e ações que faziam o mundo menos complicado.

O mundo é vasto, nem a rima traz a solução. O poeta mergulha neste mundo deteriorado pelo ser humano perdido em seus propósitos e ambições desmedidas. O cotidiano social apresenta um eu poético aflito e preocupado com as questões do mundo moderno. O poeta, através de sua obra, tenta infiltrar-se nestes dramas sociais, pois o eu não está só no mundo e é preciso um envolvimento coletivo para acontecer uma transformação social. A poesia

apresenta-se como instrumento de engajamento social, refletindo o sentido da vida moderna.

Drummond faz um questionamento do mundo com seus versos, relatando problemas que são inerentes a um mundo despedaçado por mazelas e indiferença. O poeta traz à tona questões sociais cotidianas, causadoras da fragilização do ser humano perdido e solitário na multidão. O relógio da torre marca o tempo, mas o mundo está indiferente. Os problemas se sucedem num cotidiano voraz aos anseios do ser humano. O poeta percebe tudo isso e transforma em versos que questionam e problematizam a situação humana diante de um conflito social e cultural.

Os poemas abordados neste trabalho, retirados da vasta obra de Drummond, mostram facetas de um cotidiano que envolve o ser e o mundo, o ser envolvido no mundo, o ser absorvido pelo mundo e o ser como resultado desse mundo. O eu poético num misto de fantasia, sonho, melancolia, drama, ironia, humor, mostra-se multifacetado num mundo em construção. O mundo vive em permanente crise, porém a qualquer momento um rosa pode brotar no asfalto duro de uma grande metrópole. O mundo, assim como a poesia se refaz a cada momento na tentativa de encontrar-se como objeto de transformação da realidade.

Drummond mostra na sua poética todo esse ambiente num movimento de vai e vem, assim como é o cotidiano, numa construção literária com profundo sentido de compreensão do mundo moderno.

Referências

Andrade, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Barbosa, Rita de Cássia. *Literatura comentada de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

Brayner, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Fortuna Crítica, 1)

Candido, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

Gledson, John. *Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

Merquior, José Guilherme. *Verso Universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.